



O repertório verbal em uso em contextos afro-baianos

Iracema Luiza de Souza

UFBA

Preliminares

O presente trabalho toma por objeto de estudo a variação na língua falada em contextos afro-baianos, a partir de dados lingüísticos e etnográficos recolhidos numa comunidade de Salvador, onde está instalado um terreiro de candomblé dos mais prestigiados no País. Ao fazê-lo, pretende-se identificar as variedades lingüísticas que os falantes em interação atualizam em sua comunicação cotidiana, variedades que integram o repertório verbal em uso nos contextos referidos.

Como se pode depreender do exposto, o estudo aqui apresentado propõe-se refletir, a partir de dados lingüísticos sincrônicos, sobre a participação dos segmentos negros e negro-mestiços na realidade sociolingüística brasileira. Assim, buscando fundamentar a análise dos dados recolhidos, são examinados pontos de vista distintos já estruturados sobre a constituição do português do Brasil, os quais, ratificados ou contraditos, funcionam como pano de fundo para as conclusões que serão aqui introduzidas.

1. O CENÁRIO

A presença negra na população de Salvador é fato indiscutível. Resultados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - revelam, por exemplo, que 77,37% da população da Região Metropolitana de Salvador, que em 1989 se estimava em 2 399 795 habitantes, são constituídos de indivíduos negros e negro-mestiços. A esta realidade demográfica corresponde uma participação ativa deste contingente populacional em diversos setores da cultura baiana. De fato,

estudos nos domínios da Antropologia, da História, da Arte, da Música, da Religião, e de outros produtos culturais não cessam de afirmar a força e a representatividade da cultura negra em Salvador. Por outro lado, aí existem comunidades organizadas em torno das práticas rituais afro-brasileiras. São conhecidas como *terreiros de umbanda*, *terreiros de candomblé*, *terreiros, roças*, e/ou *comunidades afro-baianas*. Esta última é a designação mais empregada por antropólogos e pesquisadores de outras formações. Situadas em certos bairros populares de Salvador, as comunidades mais tradicionais são formadas por moradores do bairro e por outros membros que a integram - mesmo residindo em outros locais -, os quais se reúnem regularmente em torno das práticas rituais. É importante observar que, nas comunidades afro-baianas tradicionais, o *yorubá* é a língua a que se recorre durante as práticas rituais, a qual é concebida como o instrumento por excelência para a comunicação com os *Orixás*.¹ A vitalidade dos segmentos negro-mestiços de Salvador evidencia-se também através das organizações voltadas para o carnaval, sobressaindo-se, neste aspecto, os *blocos afros*. Convém não esquecer a dinâmica de um bloco deste tipo, estruturada numa prática constante de seus membros mais ativos, geralmente participantes de movimentos voltados para uma *consciência negra*² e integrantes, em níveis diferenciados, de uma comunidade afro-baiana.

Paradoxalmente, diferentes setores da cultura *oficial*, sobretudo a escola, continuam subestimando o papel dos diferentes grupos sociais que sedimentam a matriz cultural da Bahia. Insistem em tratar as produções representativas dos segmentos negros e negro-mestiços como *folclore*, como dados do passado, destituídos de força enquanto produções enraizadas na contemporaneidade dos atores sociais que lhes dão vida. Ao fazê-lo, o discurso institucional oficial constrói e difunde uma verdade impregnada da ideologia dominante, excluindo, em conseqüência, os segmentos negro-mestiços da realidade pluricultural característica da sociedade baiana e, mesmo, brasileira.

¹ Para maiores detalhes sobre a estrutura e o funcionamento de uma comunidade afro-baiana, cf. J. E. dos Santos, *Os Nãgô e a Morte*, Petrópolis, VOZES, 1976.

² Para informações mais detalhadas sobre o processo de reafirmação do carnaval da Bahia, aconselhamos a leitura de A. Risério, *Carnaval Ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano*, Salvador, Corrupio, 1981.

2. OS DISCURSOS SOBRE A LÍNGUA

Se, no âmbito das Artes, da Antropologia, da História, encontram-se estudos que afirmam o papel ativo do Negro na construção da sociedade baiana, no domínio dos estudos lingüísticos não se detecta movimento similar. Na realidade, os estudos tradicionais sobre a influência, na Língua Portuguesa, das línguas dos povos africanos transplantados limitam-se a considerações pouco aprofundadas, registradas em capítulos voltados para a apresentação de aspectos da história da língua. Um rápido exame dos pontos de vista levantados por autores como Serafim da Silva Neto (1970), Sílvio Elia (1979), G. Chaves de Melo (1981), e até mesmo por Antônio Houaiss (1988), demonstra uma unanimidade de opiniões no que tange à ação dos aloglotas africanos sobre o português do Brasil. De fato, encontra-se aí a síntese de uma das correntes de opinião já cristalizadas sobre o português, a qual atribui ao contingente europeu - aos portugueses - total supremacia na conformação da língua que se fala no País. Os partidários desse ponto de vista negam aos segmentos negros uma atuação relevante na constituição do português brasileiro. Numa escala de 1 a 3, a influência deste contingente é situada em terceiro lugar - após a dos portugueses e das populações autóctones -, geralmente manifestada em nível do léxico, como o demonstram as opiniões abaixo reproduzidas, extraídas de obras de dois dos Autores acima referidos:

« ... as influências se confinaram à parte 'aberta' do português, quer dizer, ao léxico e - acaso - a certos elementos suprasegmentais... »³

« ...as propaladas influências africanas no Brasil, também ainda se acham no plano das conjecturas. »⁴

Interpretando de maneira etnocêntrica as relações existentes entre língua e cultura, estudiosos como Silva Neto, Elia, e Melo hierarquizam as culturas dos povos na origem da sociedade brasileira, prática que os leva a atribuírem alto valor à cultura européia e a subestimarem, explícita e/ou implicitamente, as culturas dos africanos e dos indígenas brasileiros.

³ HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Pequena enciclopédia da cultura brasileira, Rio de Janeiro, UNIBRADE, 1988, pp. 82-3.

⁴ ELIA, S. « O português do Brasil », *Lexikon der Romanischen Linguistik*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1994, T. VI, 2, p. 565.

Assim, segundo a lógica subjacente à argumentação por eles desenvolvida, só uma língua como a portuguesa, que fazia parte da cultura européia - sendo, por isso, língua de civilização - apresentava qualidades para sair ilesa, ou quase, do embate com as línguas autóctones e africanas. Segundo eles, residiria aí a explicação para a unidade lingüística do Brasil.

Ao lado do ponto de vista que caracteriza a corrente acima delineada, existe uma outra argumentação - que encontra também suas origens em obras tradicionais -, a qual se caracteriza por defender uma tese oposta à que se delineou até aqui. Esta segunda corrente atribui aos africanos e a seus descendentes a responsabilidade maior pelas traços que distinguem o português brasileiro do português europeu, sem ignorar a participação das populações indígenas. Contrapõe-se, desse modo, aos pontos de vista dominantes na tradição dos estudos lingüísticos sobre o português do Brasil. Esta outra tendência encontra em Jacques Raimundo (1933)⁵ e em Renato Mendonça (1933)⁶ seus representantes principais, embora, já no século XIX, F. A. Coelho (1880-86) tivesse avançado a tese de que o português do Brasil apresentava características similares às dos crioulos de base portuguesa existentes em outros continentes.

Convém observar que, apesar de partirem de pressupostos distintos e de chegarem a conclusões opostas, as duas correntes aproximam-se quando se observa a fragilidade teórica da argumentação que desenvolvem. Ambas se caracterizam pela carência de uma metodologia científica que sustente os pontos de vista nelas defendidos e que auxilie seus representantes a delimitar e a analisar com competência os fatos lingüísticos tomados para estudo. Dizendo-se isso não se pretende negar o valor de certos pontos levantados por Coelho, Raimundo e Mendonça no que tange ao tema tratado nesta comunicação. Se suas análises carecem de uma teoria lingüística que as respalde, é importante ressaltar que, além de terem feito avançar os estudos sobre a presença africana no português brasileiro, eles tiveram o mérito de terem levantado a necessidade de estudar o assunto, bem como o de terem sublinhado a relevância dos aloglotos africanos. Nos últimos vinte anos, vários

⁵ RAIMUNDO, J. O elemento afro-negro na língua portuguesa. Rio de Janeiro, Renascença, 1933.

⁶ MENDONÇA, R. A influência africana no português do Brasil, Rio de Janeiro, Sauer, 1933.

trabalhos têm se voltado para o estudo da constituição sócio-histórica da língua falada no Brasil, abordando, em conseqüência, a participação dos africanos e de seus descendentes nesse processo. Alguns trataram este tema em caráter eventual; outros o têm erigido como objeto de pesquisa. Nos parágrafos seguintes, serão apresentados, brevemente, alguns pontos por eles levantados.

Do conjunto de pesquisadores que trataram eventualmente do assunto, destaca-se C. Ferreira (1984), que analisa comportamentos lingüísticos identificados numa pequena cidade do interior da Bahia, *Helvécia*. Fatos descritos em seu depoimento parecem indicar a existência, naquela localidade, de uma variedade de português crioulo. Se situássemos a variedade em questão num ponto de uma linha reta cujos extremos fossem preenchidos por uma língua africana como L1 e pelo português como L2, ela ocuparia um espaço ainda bem distanciado do último. As descobertas recentes de variedades lingüísticas de base crioula, como o falar de *Helvécia*, ou do *Cafundó*⁷, embora ainda não estudados sistematicamente, questionam afirmações viesadas, postuladas por lingüistas tradicionais. Além disso, apontam para a necessidade de se buscarem dados atestados na pesquisa sobre a constituição sócio-histórica da língua falada no Brasil, sem que se exclua aprioristicamente qualquer possibilidade.

Dentre os estudos mais recentes sobre o tema, resultantes de pesquisa sobre dados lingüísticos e extralingüísticos, os dois pontos de vista acima referidos vão ressurgir, embora com nova roupagem e com o respaldo de um arcabouço teórico mais sofisticado. De fato, surgem trabalhos que advogam a existência de uma contribuição africana efetiva ao português do Brasil, ao lado de outros que refutam esta possibilidade. Dentre os primeiros, destacam-se Yeda Pessoa de Castro (notadamente, 1976 e 1980), G. Guy (1981, 1986), J. Holm (1988), Ruy Póvoas (1989), I. L. de Souza (1978, 1996), A. Mussa (1991). Torna-se necessário esclarecer que os autores referidos, embora reconhecendo a relevância da contribuição africana, desenvolvem argumentações diferentes, podendo-se mesmo identificar duas subdivisões nesse grupo: a dos pesquisadores que sustentam a hipótese da crioulaização para o português brasileiro (G. Guy, J. Holm, I. L. de Souza); a dos que rejeitam tal

⁷ Sobre o assunto, consultar C. Vogt e P. Fry (1982) e Vogt (1983, 1984).

hipótese: A. Naro (1973a, 1973b, 1978, 1981); Naro e M. Scherre (1991), A. Mussa (1991). Convém ainda sublinhar a existência de trabalhos que advogam a emergência de uma gramática para o português brasileiro, sem a vincularem explicitamente à ação dos alogotas africanos. É o caso, por exemplo, de C. Galves (1987) e F. Tarallo (1992). A natureza do texto aqui apresentado e as limitações de espaço que lhe são inerentes inviabilizam uma análise sistemática dos trabalhos elaborados até aqui sobre a mesma problemática.⁸

Diante das contradições existentes entre a realidade sociolingüística que transparece quando da observação de variedades em uso em contextos afro-baianos e de variedades vernáculas do português brasileiro; diante dos pontos de vista sustentados sobre a realidade lingüística brasileira, a Autora deste trabalho sentiu-se autorizada a formular duas hipóteses:

I - Quando se trata da realidade lingüística brasileira, a influência da sociedade oficial foi absoluta, o que explicaria a ausência de traços lingüísticos dos segmentos negros e negro-mestiços na língua falada no País.

II - As normas sociais - e, em conseqüência, lingüísticas - da sociedade oficial não conseguiram neutralizar as tradições socioculturais de origem africana, incluindo-se nestas os usos lingüísticos. Entretanto, o descrédito de que os Negros sempre foram alvo na sociedade brasileira teria viesado a análise que se faz da realidade lingüística brasileira. Isto explicaria a negação, por parte dos discursos oficiais - políticos e da lingüística -, de qualquer relevância dos segmentos negros e negro-mestiços na constituição da língua falada no Brasil.

Para reunir elementos que permitissem decidir sobre a veracidade de uma ou outra hipótese, a pesquisa de campo revelou-se o melhor caminho. Só ela poderia conduzir a dados lingüísticos concretos a serem cotejados com as declarações do discurso político oficial e da lingüística tradicional, bem como com os resultados já obtidos com a pesquisa da história externa do português do Brasil.

⁸ O leitor interessado poderá obter informações a esse respeito, consultando A. Mussa (1991) e I. L. de Souza (1996).

3. O REPERTÓRIO VERBAL

Inserindo-se no âmbito dos estudos sociolinguísticos, o trabalho aqui apresentado pressupõe a existência de relações entre a linguagem e seu contexto de produção. Todavia, tais relações são concebidas em duplo movimento. Se, de um lado, a linguagem não está isenta da ação que sobre ela exercem os micros e macros contextos de sua produção, ela se revela igualmente atuante sobre tais contextos, daí ser imprescindível considerar-se seu papel constitutivo da realidade em que as interações verbais se concretizam. Deste ponto de vista, a linguagem é determinante, além de determinada. Por outro lado, a abordagem que orientou a reflexão desenvolvida no trabalho aqui apresentado subscreve parâmetros da sociolinguística interpretativa, o que explica o espaço relevante nele destinado à comunicação e ao processo interlocutivo, bem como sua preocupação com a construção do sentido. Em consequência, foi adotada uma abordagem de cunho etnográfico e interacionista, responsável pelas opções concernentes à coleta de dados e à sua análise. Para a consecução da primeira, foram articulados três procedimentos que se complementaram: **sociometria**, **anotações de observação etnográfica**, e **registros de conversação espontânea**.⁹

3.1. A coleta de dados

Neste trabalho já se ressaltou a alta representatividade dos segmentos negro-mestiços na população de Salvador. Compatível com esta realidade é a existência de grupos sociais, que vivem em comunidades estruturadas em torno do culto aos Orixás. Estas **comunidades afro-baianas** são popularmente conhecidas como **terreiros de candomblé** ou **roças**. Pesquisas no âmbito da Antropologia¹⁰ têm demonstrado que tais comunidades se vêm destacando, através dos séculos, como núcleos de preservação da cultura afro-brasileira. Assim, para o estudo em questão,

⁹ Tendo em vista que a pesquisadora mantém profundos laços de amizade na comunidade, muitas das dificuldades correntes na consecução de um trabalho etnográfico e interacionista puderam ser, neste caso, minimizadas.

¹⁰ Consultem-se, por exemplo, os trabalhos de Pierre Verger (1968, 1992), Roger Bastide (1976), Juana Elbein dos Santos (1976), para mencionar apenas os que mais se debruçaram sobre a realidade afro-baiana.

os dados foram recolhidos numa comunidade afro-baiana de Salvador, o Ilê Axé Opô Afonjá, um dos terreiros mais conceituados do Brasil. Nela, identificam-se traços da cultura yorubá, que se manifestam durante as práticas rituais bem como nas atividades cotidianas dos atores sociais que a integram.

Conforme já se disse, na coleta de dados foram empregados *registros de observação etnográfica* e *gravação de conversas espontâneas*. Convém esclarecer que, para a escolha dos informantes que deveriam participar das gravações, considerou-se o resultado de uma *sociometria* que a pesquisadora realizou junto a 35 membros da comunidade. A estes, foram dirigidas questões do tipo:

1. **Quais são seus melhores amigos?**
2. **Onde eles moram?**
3. **O que você gosta mais de fazer com essa(s) pessoa(s)?**

Com base nas respostas obtidas, foram selecionados os informantes a serem gravados e, também, as duplas e trios mais produtivos. Na realidade, optou-se por uma abordagem sociolinguística de natureza interacionista. Assim, os registros de fala se deram através de conversação espontânea, complementados por anotações etnográficas realizadas pelo pesquisador. Para conseguir um clima o mais natural possível, as gravações foram realizadas com o mínimo de duas e o máximo de três pessoas. A fim de identificar o repertório verbal em uso na comunidade, procurou-se localizar as redes sociais aí existentes, o que deveria permitir analisar os dados lingüísticos em articulação com os atores sociais em interação. Partiu-se do pressuposto de que, na interação, o locutor, como o alocutário, constroem seus conhecimentos lingüísticos a partir dos laços que mantêm com sua realidade social, da qual a língua se revela um componente essencial.

Assim, de um grupo de 85 sujeitos contactados (cf. Quadro I), foram tomadas para análise as gravações de conversações envolvendo 15 locutores - aqueles que a sociometria apontou como integrantes das redes sociais mais densas na comunidade. O estudo das respostas obtidas demonstrou que as redes a que pertencia cada informante não ultrapassavam os limites da comunidade pesquisada. De fato, quando se mencionavam relações de amizade com alguém que residia fora dos limites físicos da comunidade, tratava-se de um membro da família ou

de indivíduo pertencente ao **Grupo Móvel** da comunidade.¹¹

Convém sublinhar que, embora reconhecendo o valor das contribuições oriundas de pesquisas sociolinguísticas quantitativas, sobretudo no que concerne à mudança linguística e à criação de mecanismos linguísticos para explicar situações de multilingüismo, optou-se por uma abordagem sociolinguística interpretativa. De Souza (1996) justifica tal opção, chamando a atenção para certas limitações dos estudos variacionistas quantitativistas. Conseguem identificar tendências do comportamento linguístico de grupos sociais distintos, mas fracassam diante do comportamento real que um indivíduo pode atualizar numa situação dada. Além disso, sob essa perspectiva são inviabilizadas as possibilidades de consideração da construção semântica.¹² Além disso, os desdobramentos recentes da sociedade industrial obrigam o analista a rever seus postulados de base. Conceitos como os de *comunidade linguística*, *categorias sociais*, e *categorias étnicas*, fundamentais na abordagem quantitativista, exigem dos pesquisadores novas definições. Refletindo sobre as mudanças vivenciadas pelas sociedades modernas, J. Gumperz (1989) interroga-se sobre a razão da sobrevivência de práticas linguísticas estigmatizadas, mesmo quando os locutores/ouvintes que as desenvolvem se expõem à educação universal.¹³

¹¹ Quando da realização da pesquisa de campo que conduziu à Tese de Doutorado *La langue parlée à Salvador. La diversité linguistique et la construction du sens au sein de la réalité afro-bahianaise*, defendida pela Autora frente à Universidade de Paris VIII em 1996, foram definidos dois grupos componentes da comunidade afro-baiana pesquisada: o Grupo Nuclear, constituído das pessoas residentes no espaço do terreiro; o Grupo Móvel, formado por indivíduos que, sem ali residirem, participam do culto e ali vão regularmente, chegando alguns a passarem temporadas maiores ou menores na comunidade.

¹² I. L. de Souza, *op. cit.*, p. 474.

¹³ J. J. Gumperz, *La sociolinguistique interactionnelle: une approche interprétative*, La Réunion, L'Harmattan, 1989, pp. 26-7.

QUADRO I Os informantes da comunidade afro-baiana estudada, segundo idade e gênero.

Idade	Gênero masculino	Gênero feminino	Total
Menos de 6 anos	02	08	10
De 6 a 14 anos	21	19	40
De 15 a 25 anos	05	10	15
De 26 a 45	05	05	10
Mais de 45 anos	05	05	10
Total	38	47	85

Fonte: Quadro construído pela Autora a partir de dados recolhidos de outubro de 1992 a fevereiro de 1993, e de janeiro a maio de 1994.

Em consequência da escolha de uma sociolinguística interpretativa, procurou-se estabelecer categorias analíticas que permitissem realizar uma avaliação qualitativa da comunidade escolhida para estudo. Assim, utilizando-se o conhecimento sobre a comunidade, construído através da observação etnográfica, conseguiu-se distribuir seus integrantes em dois conjuntos: o **Grupo Estável** e o **Grupo Móvel**. Para esta distribuição, foram considerados os critérios reproduzidos no Quadro II, na página seguinte.

Ainda em decorrência das opções teóricas que caracterizam o trabalho aqui exposto, convém esclarecer as razões de se tomar o repertório verbal em uso em contextos afro-baianos de Salvador como objeto de estudo, em lugar de se falar simplesmente na língua falada nesses contextos. Na realidade, se se extraem todas as consequências da existência da variação linguística, o conceito de repertório verbal revela-se mais adequado. De fato, ele permite levar em conta as alternâncias códicas que os locutores em interação realizam. Sob esta perspectiva, as alternâncias apresentam-se como estratégia discursiva, altamente relevante na construção do sentido operada no processo interativo. Como o sublinha D. Hymes (1984), retomando uma idéia desenvolvida por J. Gumperz, muitos fenômenos tratados separadamente sob rubricas tais que multilingüismo, diglossia, línguas **standards**, pidginização, criouliização, dentre outras,

deveriam ser considerados em conjunto, todos relacionados com problemas de repertório. Ainda segundo Hymes (1984):

« A repartição das funções entre línguas no interior de uma comunidade foi sempre relativamente visível; a repartição de funções entre meios de ordens diferentes, dentre os quais a língua é apenas um dentre outros, tornou-se hoje mais visível do que era antes; mas a mistura de línguas, de meios de proveniência diversa a serviço de uma mesma função tem sido até aqui o fenômeno menos visível. Mesmo uma obra com a qualidade de Weinreich (1953) atribui a estas misturas o nome pejorativo de 'interferência', quando, em numerosos casos, dever-se-ia percebê-las como uma integração, um aspecto criador do uso lingüístico, que é mais geral que qualquer tradição lingüística isolada. (...) A integração que se realiza na formação dos pidgins completamente desenvolvidos e dos crioulos aparece, talvez, como o exemplo mais palpável desse fenômeno. »¹⁴

QUADRO II - Avaliação qualitativa da comunidade afro-baiana: as redes sociais e as atitudes dos informantes.

Critérios	Grupo Estável	Grupo Móvel
Amigos fora da Comun.	Nenhum	A maioria
Amigos na Comun.	Exclusivamente	Alguns
Papéis na Comun.	Múltiplos	Alguns
Papéis fora da Comun.	Nenhum ou raro	Múltiplos
Atitudes frente à cultura dominante	Interesse/desconhecimento/distanciamento	Interesse/participação/às vezes desconhecimento
Atitudes frente à cultura afro-baiana	Forte ligação/participação ativa	Forte ligação/participação ativa
Tipo de rede social	Denso	Disperso

Fonte: Quadro montado pela Autora a partir dos resultados da pesquisa de campo realizada em Salvador, concluída em 1994.

¹⁴ Dell H. Hymes, *Vers la compétence de communication*, Paris, Hatier, 1984, pp. 49-50. (A tradução é da responsabilidade da Autora).

3.2. Os dados

O estudo dos dados coletados demonstrou a existência de um repertório verbal que se compõe de variedades distintas, a saber: uma variedade de português culto em registro coloquial distenso, uma variedade vernácula do português, o português afro-baiano, e o yorubá, conforme o atestam os exemplos arrolados a seguir. Convém sublinhar que tais variedades se alternam na comunicação, com frequência e proficiência variáveis.

1 - INF. 06 - « Tudo bem, Pró? Eu vi a Senhora com a **Iyá**, in(d)o pro **panã**. A Senhora não me viu, não?

Doc. - Ah, foi mesmo? Eu nem vi você. Eu cheguei cedo e já estou indo pra casa. Amanhã, estou aqui de novo. » (Registro de observação etnográfica).

2 - **Egbónmi** - « **Agó, Iyá!** A professora vai salva(r) **Šangó**.

Iyáloriřá - Pode entra(r), Pró. Vá salva(r) Papai.

Doc. - **Agó Iyá! Kawò kabiyeřile!** » (Registro de observação etnográfica.)

3 - INF. 01 - « Saiu corren(d)o - chegô - subiu no pé d' **iroko** - chegô na ú(l)tima galh(a) ele se lembrô - Aí a morte já ia bem longe - El(e) aí gritô - **wanankeri** - **wananberi** - - Aí a morte devo(l)veu o pai dele. »

4 - « **Oyá Tété,**

Oyá Tété,

Ayábá! » (**Oriki** cantado no Barracão.)

A propósito do repertório verbal documentado na comunidade em estudo, pode-se afirmar que a variedade vernácula do português e a variedade afro-baiana apresentam-se como as de maior frequência. Quanto à utilização do yorubá e da variedade culta do português, torna-se necessário introduzir algumas observações. Em relação ao primeiro, é a língua do culto. Todas as práticas rituais recorrem ao yorubá como língua de comunicação com os Orixás. Assim, ele é usado normalmente em situações do tipo:

- a) para salvar os Orixás;
- b) para cantar os Orixás (os **Oriki**);
- c) para falar com os Orixás, quando o falante possui competência para tanto;
- d) durante as cerimônias rituais, quando o falante é um chefe religioso;
- e) em interações verbais de curta duração, normalmente quando as pessoas envolvidas já passaram por uma longa iniciação;
- f) para afirmação de uma identidade afro-brasileira.

A respeito das ocorrências do yorubá, convém sublinhar que, para que isto aconteça, além da competência lingüística do locutor, existem componentes da situação interativa que desempenham papel determinante na escolha do código lingüístico. O fator que se revelou mais produtivo nos dados tomados para estudo foi, sem dúvida, o status do interlocutor. Tratando-se de um Orixá, o recurso ao yorubá é incontornável, salvo se o locutor não possui a competência necessária para tanto. Quando os papéis de locutor e de alocutário são exercidos por membros da comunidade com proficiência em yorubá, o assunto tratado na interação verbal aparece como o elemento mais significativo para levar os interlocutores a escolherem essa língua. Ainda sobre o yorubá, deve-se notar que, apesar de se configurar como uma língua tonal, na comunidade em questão, a oposição entre tons altos e baixos parece ter desaparecido, embora ainda se encontrem raros falantes que ainda conservam tal distinção, sobretudo entre sujeitos mais idosos que ocupem postos de prestígio na hierarquia afro-brasileira.

No que concerne à variedade culta do português, convém registrar que a pesquisa de campo identificou apenas 05 indivíduos integrantes do Grupo Nuclear com diploma universitário. Entretanto, este quadro se altera, quando se observam as pessoas que freqüentam a comunidade, ou que fazem parte do Grupo Móvel. Inúmeras possuem nível superior. Neste contexto, constatou-se que a norma culta representa a variedade lingüística menos utilizada na comunidade pesquisada. Apesar disso, ela pode ocorrer em registro coloquial distenso, em interações verbais que envolvem locutores de nível de escolaridade superior, ou entre falantes de níveis de escolaridade distintos, dentre os quais existe pelo menos um com grau universitário.

No repertório verbal identificado através da pesquisa, existe uma variedade lingüística que merece uma atenção especial. Trata-se da variedade afro-bahiana, ou português afro-baiano. É uma variedade que indivíduos representativos da cultura afro-baiana - por suas origens étnicas ou por opção - utilizam nos contextos mais representativos dos valores culturais negro-mestiços, principalmente nos terreiros. Convém esclarecer que a variedade afro-baiana não é o meio lingüístico empregado nas cerimônias rituais. Como já foi dito, esse papel é desempenhado pelo yorubá, a língua com função religiosa. Na realidade, ela aparece nas conversas entre pares, embora sua utilização esteja intimamente ligada a pressupostos socioculturais negro-mestiços. Por outro lado, ela pode ocorrer em interações construídas fora dos contextos afro-baianos, quando os interlocutores em presença partilham valores afro-baianos e interagem em situação espontânea. Mas que vem a ser a variedade afro-baiana?

Trata-se de uma variedade lingüística que resulta de uma mistura de línguas, em sentido amplo. Como o sugere a designação que está sendo aqui utilizada, esta variedade implica, em níveis distintos, a união de componentes lingüísticos oriundos de duas línguas de base. De uma parte, aparece com mais freqüência uma variedade vernácula do português brasileiro; de outra, aparecem elementos de uma língua africana que, no caso presente, é o yorubá. Nesta mistura, a participação de um ou de outro desses componentes lingüísticos pode variar de intensidade e de forma. Se se trata da inserção de sentença(s) em yorubá numa elocução em português, a integridade estrutural da primeira é preservada, sem que se afete, também, a integridade da segunda. Realiza-se, nesse caso, uma alternância códica e o produto resultante da mistura apresenta-se como um **code-switching**. O exemplo 02, apresentado anteriormente, reproduz uma interação que se realiza na casa de Šangó. Nele, os trechos em yorubá aparecem em negrito. Os enunciados **Agó Iyá!** e **Agó Iyá! Kawò kabiyešile!** [= *Com licença, Mãe!* e *Com licença, Mãe! Saudação a Šangó*] ilustram a alternância códica. Já os itens lexicais **Iyá** e **panã**, que aparecem no exemplo 01, bem como Šangó, que se insere no texto 02, integram-se na estrutura vernácula de uma sentença enunciada em português popular baiano. Não se deve pensar, porém, que a variedade afro-baiana só se atualiza em situações desse tipo, quando existem formas lingüísticas das duas línguas que se interpenetram. Existe também uma

outra « mistura » lingüística de larga freqüência, que se manifesta mesmo quando os itens lexicais pertencem formalmente ao português. Nesses casos, a mistura de línguas associa semas que apontam para a cultura afro-baiana a formas lingüísticas do português, como se pode perceber no exemplo que se segue:

Doc.: - Sua bênção, Egbónmi.

Egbónmi: - Meu Pai abra seus caminho(s)! Como vai? Não estava viajan(d)o?

Doc.: - Tudo bem. Já terminei meu curso.

Egbónmi: - Ainda volta pra lá? Chegou quando?

Doc.: - Agora, só a passeio.

Egbónmi: Milhó. Vai carrega(r) água pra Papai? (Registro de observação etnográfica).

Como se pode constatar, na conversa acima reproduzida, apenas o item **Egbónmi**¹⁵ pertence ao léxico yorubá. Entretanto, o sintagma « meu Pai », a sentença « Vai carregar água pra Papai? », apesar de integrarem o léxico do português, contêm semas especiais no diálogo acima reproduzido. De fato, trata-se de formas lingüísticas que situam o discurso que se constrói numa realidade extralingüística colada numa visão de mundo afro-baiana. Quando a Filha de Santo se refere ao Pai, ela invoca, na realidade, seu Orixá, **Ogun**. Mais adiante, ao perguntar à Documentadora se esta iria « carregar água para Papai », o que ela pretende saber, na realidade, é se a Documentadora vai participar da cerimônia ritual das Águas de Oxalá, prestes a acontecer. Embora o texto de uma comunicação imponha limites no que tange à análise que se pode realizar nesse tipo de discurso, há alguns pontos sobre a variedade afro-baiana que devem ser ressaltados. Primeiramente, convém observar que os contextos em que hoje se manifesta esta variedade foram, no passado, os que caracterizavam o yorubá. À medida que o uso deste se tornou menos freqüente, a variedade afro-baiana viu ampliar-se seu emprego, de tal modo que hoje ela é, na realidade negro-mestiça dos terreiros, quase tão presente quanto o vernáculo. Por outro lado, as mudanças que se processam na realidade sociocultural baiana, como a reafricanização do carnaval, as ações visando à constituição e à afirmação de uma identidade negro-mestiça, tudo isso tem contribuído para que uma parcela importante do conhecimento lingüístico antes circunscrito

¹⁵ Pessoa iniciada na religião afro-baiana há mais de sete anos.

à realidade dos terreiros tenha, hoje, ultrapassado suas fronteiras. Um exemplo disso se encontra, sem dúvida, em muitos textos de compositores como Gilberto Gil, Cactano Velloso, Antônio Risério, Moraes Moreira, e muitos outros.

Ainda no que tange ao repertório verbal em uso em contextos afro-baianos, cumpre apresentar algumas considerações sobre a variedade vernácula nos dados que estão sendo aqui discutidos. Antes de serem apresentados alguns pontos que foram observados, é necessário esclarecer que a análise do **corpus** constituído encontra-se em andamento, em estágio ainda inicial. De fato, na Tese que originou o trabalho atual pretendeu-se identificar o repertório verbal em uso na realidade afro-baiana e, também, investigar a existência ou não de uma variedade afro-baiana. Tais objetivos foram alcançados. Todavia, certos procedimentos lingüísticos identificados nos dados coletados levaram a Autora a refletir sobre a variedade em questão e a formular hipóteses sobre as origens da variedade de português documentada na pesquisa. Em De Souza (1996), não foi possível analisar, por dificuldades de natureza diversa, certos fatos presentes no **corpus**, que se permitem relacionar a variedade vernácula documentada com alguns parâmetros apontados por Bickerton (1988) como caracterizadores de línguas crioulas. São procedimentos lingüísticos decorrentes da transmissão irregular que caracteriza a formação de uma língua crioula. Embora a maioria dos informantes estudados mais de perto apresentem escolaridade média, os registros das conversas, bem como as anotações de observação participante apontam para o enfraquecimento das funções estruturais de morfemas indicadores de tempo, modo, pessoa e número no SV, queda do morfema de número no SN, negação dupla descontínua, predomínio do verbo **ter** para indicar existência, substituição dos pronomes clíticos pelos pronomes retos correspondentes, baixa percepção do papel das posições como instrumentos formais marcadores da regência dos verbos, redução do elenco de pronomes relativos (quase sempre representado por **que**, e por **onde**), além da ocorrência de variantes fonéticas que costumam caracterizar crioulos de base portuguesa. No Projeto *Processos Sintático-semânticos de construção do sentido*,¹⁶ que

¹⁶ Este Projeto concorreu e foi premiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão com o prêmio de Pesquisador Emergente. Desde julho, está em andamento no Instituto de Letras da UFBA.

se encontra em fase inicial na UFBA, a Autora pretende investigar fatos como os acima indicados, descrevendo-os e definindo sua latitude na língua falada em Salvador. Convém sublinhar que muitos dos fatos agora apenas delineados manifestam-se em outros contextos. A Autora já pôde identificar alguns deles em produções orais e escritas de estudantes de Primeiro e de Segundo Grau de escolas locais. A pesquisa do assunto revela-se, portanto, de grande interesse para o redirecionamento de políticas de ensino de Português L1.

4. CONCLUSÕES

Com o trabalho aqui apresentado, pretendeu-se rastrear os traços da variação na gramática e na construção semântica, o que conduziu a Autora às conclusões expostas a seguir:

4.1. A variedade afro-baiana revela-se uma realidade nos contextos negro-mestiços de Salvador. Ela resulta de uma mistura de componentes lingüísticos, cujas línguas de origem são o português brasileiro e o yorubá.

Afirmar a existência da variedade afro-baiana significa restabelecer a ponte que une, na sociedade baiana, o presente ao passado. Significa, também, restabelecer a coerência que liga a realidade sociolingüística à realidade cultural da Bahia. Utilizando-se o aparelho conceptual da teoria das redes sociais (Gumperz, 1989a e 1989b), procurou-se avaliar a influência das redes sociais a que pertenciam os sujeitos que participaram da pesquisa sobre seus repertórios verbais. Os atores sociais observados integram redes predominantemente **densas**. De acordo com a teoria em questão, os locutores de redes densas tendem à conservação de hábitos lingüísticos tradicionais. Por outro lado, a atualização da variedade afro-baiana exige a mudança do olhar da lingüística sobre a realidade sociolingüística brasileira, além de apontar para a necessidade de novas pesquisas que tomem por objeto a realidade lingüística negro-mestiça. Convém notar que, no que concerne aos fenômenos de misturas lingüísticas, buscou-se seguir uma trilha aberta por P. Cadiot (1982). Estas misturas foram interpretadas como estratégias de construção semântica que os interlocutores utilizam na interação verbal, conscientemente ou não.

4.2. Em Salvador, existem certos meios em que se utiliza ainda uma língua africana. De fato, o yorubá constitui uma das variedades lingüísticas que compõem o repertório verbal em uso na comunidade afro-baiana em que se realizou a pesquisa de campo.

Isto posto, convém observar que o yorubá é a língua que se emprega nas cerimônias religiosas do candomblé, bem como em todas as atividades que lhe são concernentes. A princípio, quanto mais avançada a iniciação, mais ampla será a competência em yorubá em contextos rituais. Entretanto, há outros fatores que influenciam esta competência, dentre os quais a presença sucessiva de membros de uma família em postos de prestígio da hierarquia do candomblé. Dessa perspectiva, foi possível distinguir dois tipos de competência entre os sujeitos pesquisados: uma competência com dominante **ativa**, e outra com dominante **passiva**. No primeiro grupo, foram inseridos os locutores que se manifestaram em interações, utilizando o yorubá, sem que se tratasse de cerimônia religiosa. No segundo, foram situados aqueles que se manifestaram com gestos ou com uma das variedades do repertório verbal da comunidade - sobretudo a variedade afro-baiana -, sem, contudo, utilizarem o yorubá, e mesmo manifestando compreender elocuições em yorubá produzidas por seus interlocutores.

4.3. No repertório verbal em uso na comunidade afro-baiana observada, identificou-se uma variedade de português brasileiro que apresenta traços análogos aos que a literatura especializada vem indicando como características de línguas crioulas. Por outro lado, alguns dos fenômenos de variação detectados e já estudados com relação a sua ocorrência em outras normas parecem apresentar uma frequência de uso bem maior nos dados que De Souza (1996) analisou, ainda que preliminarmente.

De fato, além dos traços que sugerem uma aproximação do português popular do Brasil a crioulos de base portuguesa, o **corpus** constituído aponta para a ocorrência de fenômenos de variação que implicam em conseqüências importantes para o estudo do português. No que tange à sintaxe da ordem, às atualizações do sujeito sintático e à posição por ele preenchida na sentença, a análise dos dados recolhidos parece corroborar, de modo mais radical, os pontos de vista sustentados por C. Galves (1987) e por F. Tarallo (1992), quando estes pesquisadores sustentam a existência

de uma mudança profunda na língua falada no Brasil. Por outro lado, os dados analisados em De Souza (1996) revelam a ocorrência freqüente de objetos sintáticos nulos e/ou a substituição do clítico pelo pronome reto ou pelo SN de referência. Assim, os resultados obtidos indicam a existência de uma distância efetiva que hoje separa o português brasileiro do português europeu. Defato, as discussões sobre a realidade externa e a realidade interna da língua falada em Salvador - Capítulos 5, 6 e 7 de De Souza (1996) -, a existência efetiva de uma variedade de português afro-baiano - Cap. 8 da mesma obra - indicam a emergência de uma nova gramática do português do Brasil.

4.4. Dadas as conclusões precedentes, urge que a educação formal integre ao ensino do português L1 as informações que as pesquisas lingüísticas vêm produzindo sobre a realidade sociolingüística baiana.

Realmente, se a igualdade de oportunidades constitui um objetivo que a educação formal pretende atingir, é preciso que a escola redefina seus parâmetros para o ensino lingüístico. Para isto, a articulação de resultados de pesquisas sobre o dialeto **standard** - como os do Projeto NURC -, com os resultados de pesquisas do tipo aqui discutido, que levam em conta realidades lingüísticas **standards** e **não - standards** revela-se uma estratégia necessária.

Para finalizar, convém sublinhar que, antes da tese *La langue parlée à Salvador. La diversité linguistique et la construction du sens au sein de la réalité afro-bahianaise*, aqui considerada, não existiam informações sobre a realidade lingüística tomada para estudo. Foi, portanto, necessário observá-la de ângulos distintos. Esta estratégia possibilitou a apreensão de aspectos essenciais da formação lingüística estudada, ao mesmo tempo que permitiu a detecção de certos componentes que interagem na realidade complexa da linguagem. A partir da observação da realidade sociolingüística de Salvador, procurou-se sublinhar as relações dinâmicas que se tecem entre linguagem e sociedade e, desse modo, demonstrar, na prática, o que Bourdieu (1982) teorizou sobre *ce que parler veut dire*. Apesar disso, a análise aqui exposta procurou não perder de vista o papel que a linguagem também desempenha, através dos indivíduos que a utilizam, de elemento

constituente da realidade social. É desse ponto de vista que podem ser compreendidas práticas lingüísticas como as que constituem o objeto deste estudo.

Referências Bibliográficas

- BAHK'TINE, M. **Le marxisme et la philosophie du langage**. Paris, Editions de Minuit, 1977.
- BICKERTON, D. **Roots of language**. Ann Arbor: Karoma, 1981.
- _____. **The language bioprogram hypothesis**. Behavioural and Brain Sciences, 7: 173-188, 1984
- _____. **Creole language and bioprogram** In: F. J. Newmeyer (ed.), Linguistics: the cambridge survey, Cambridge University Press, Cambridge, 1988.
- BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire**. L'économie des échanges linguistiques, Fayard, Paris, 1982.
- BOUTET, J. **Matériaux pour une sémantique sociale**. Modèles Linguistiques, tome IV, fasc. 1, Presses Universitaires de Lille, pp. 7-37, 1982.
- _____. **Construction sociale du sens dans des entretiens d'ouvriers et d'ouvrières**. Université Paris VII/C.N.R.S., 1985.
- CADIOT, P. **Mélanges de langue et connotation autonymique**. Modèles Linguistiques, tome IV, fasc. 1, Presses Universitaires de Lille, 1982, pp. 81-124.
- CASTRO, Y. P. de. **De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil**. 2 tomes, Thèse de Doctorat, Université Nationale du Zaïre, 1976.
- _____. **Os falares africanos na integração social do Brasil Colônia**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1980.
- DESOUZA, I. L. **Egbé kékeré Iyá Obá-Biyí**. Universidade Federal da Bahia, Dissertação de Mestrado, Salvador, 1978.
- _____. **La langue parlée à Salvador**. La diversité linguistique et la construction du sens au sein de la réalité afro-bahianaise, 2 tomes, Université Paris VIII, 1996.
- DOS SANTOS, J. E. **Os nãgô e a morte**, Vozes, Petrópolis, 1976.
- ELIA, S. **A unidade lingüística do Brasil**. Condicionamentos socioeconômicos, Padrão Livraria Editora, Rio de Janeiro, 1979.
- FERREIRA, C. **Remanescentes de um falar crioulo brasileiro**. Revista Lusitana, 5, 1984, pp. 21-34.
- GALVES, C., **A sintaxe do português brasileiro**. Ensaios de Lingüística, 13, UFMG, Belo Horizonte, 1987, pp. 31-50.
- GUMPERZ, J. J. **Engager la conversation**. Paris, Les Editions de Minuit, 1989a.
- _____. **Sociolinguistique interactionnelle**. Une approche interprétative, Université de La Réunion, Saint-Denis, 1989b.
- GUY, G. **Linguistic variation in brazilian portuguese: aspects of phonology, syntaxe and language history**. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania, 1981.

- _____. **Saliency and the direction of syntatic change.** 1986, texto policopiado.
- HOLM, J. **Pidgins and creoles.** 2 vols., Cambridge University Press, Cambridge, 1988.
- HOUAISS, A. **O português do Brasil.** Rio de Janeiro, Unibrade, 1985.
- HYMES, D. **Vers la compétence de communication.** Hatier-Credif, Paris, 1984.
- KROCH, A. S. **Reflexes of grammar in patterns of language change.** *Language Variation and Change*, 1, 1989, pp. 199-244.
- MATTOSO, K. Q. **Être esclave au Brésil.** L'Harmattan, Paris, 1992.
- MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil.** Sauer, Rio de Janeiro, 1933.
- MUSSA, A. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil.** Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.
- NARO, A. **Crioulização e mudança natural.** *Estudos diacrônicos*, Petrópolis, Vozes, 1973a., pp. 97-110.
- _____. **A história do e do o em português: um estudo de deriva lingüística.** *Estudos diacrônicos*, Petrópolis, Vozes, 1973b, pp. 9-51.
- _____. **A study on the origins of pidginisation.** *Language*, 54 (2), 1978, pp. 314-347.
- _____. **The social and structural dimensions of a syntatic change.** *Language*, 57(1): 63-98, 1981.
- _____. & Scherre, Ma. Marta Pereira. **Varição e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala.** *Cadernos de estudos lingüísticos*, 20, 1991, pp. 9-16.
- PÓVOAS, R. do Carmo. **A linguagem do candomblé: níveis sociolingüísticos de integração afro-portuguesa.** José Olympio, Rio de Janeiro, 1989.
- RAIMUNDO, J. **O elemento afro-negro na língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Renascença, 1933.
- SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** Rio de Janeiro, Presença, 1986.
- TARALLO, F. **Por uma sociolingüística românica paramétrica: fonologia e sintaxe.** *Ensaio de Lingüística e Teoria da Literatura*, 13, UFMG, Belo Horizonte, 1987.
- _____. **Discussing the alleged creole origin of brazilian portuguese: targeted vs. untargeted syntatic change.** *Cadernos de estudos lingüísticos*, 15, UNICAMP, Campinas, 1988, pp. 137-161.
- _____. **Turning different at the turn of the century: 19th century brazilian portuguese.** In: G. Guy, J. Raugh & D. Schiffrin (eds.), *Festschrift to William Labov*, 1992 (no prelo).
- VERGER, P. **Flux et reflux de la traite des nègres entre le golfe de Bénin et Bahia de todos os Santos. Du XVIIè au XIXè siècle,** Mouton & Co.. La Haye/Paris, 1968.
- _____. **Os libertos. Sete caminhos na liberdade de escravos da Bahia no século XIX,** Corrupio, São Paulo, 1992.